



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

ARTE CONTEMPORÂNEA INDÍGENA COMO TECNOLOGIA DE RETOMADA ANCESTRAL

Luana Robles Vieira¹
Prefeitura Municipal de Sorocaba

Na última década, a arte contemporânea tem descentralizado os olhares e abarcado formas de manifestação que buscam a descolonização estética e de significado em obras provenientes de cosmovisões que não as dominantes. Nesse contexto, artistas indígenas têm alcançado visibilidade, tanto na América Latina quanto na Europa. Em tempos de crise climática, desconexão espiritual com a natureza e individualismo, a arte contemporânea indígena surge como um respiro nos mostrando que existe um outro mundo possível.

O artista Jaider Esbell, curador da 34ª Bienal de São Paulo, considerada a mais diversa de todos os tempos, nos apresenta a arte contemporânea indígena como uma tecnologia ancestral, demonstrando a complexidade dos saberes dos povos originários, subvertendo a ideia de eurocêntrica de tecnologia. Em entrevista concedida a Artur Tavares para a revista Elástica, em 2021, Esbell nos diz que, quando perguntado sobre o que é a arte contemporânea indígena, ele responde que “É uma armadilha para levar bons curiosos para um lugar de reflexões profundas”, defendendo a arte como um dos únicos refúgios do pensamento em construção, em contraponto às instâncias coloniais como a universidade, a escola e a política partidária, por exemplo.

A arte contemporânea, apesar de pouco explorada na Educação Infantil e Ensino Fundamental, é um caminho profícuo para a aplicação da lei 11.645/08, que trata do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Além de aproximar as crianças de uma linguagem artística à qual grande parte das pessoas não têm acesso, a arte contemporânea indígena traz como base o conhecimento ancestral de diversos povos que aqui estão e já estavam, muito antes da invasão colonial, mostrando a riqueza da natureza do nosso território

1 Graduada em Pedagogia (2010) e Mestrado em Educação (2018) pela universidade de São Paulo. Desenvolveu pesquisa sobre educação escolar indígena. Desenvolve atividades de formação de professores para criação de estratégias de abordagem da temática indígena na educação infantil e Ensino Fundamental I na prefeitura de São Paulo. Foi mediadora na 33ª Bienal de Arte de São Paulo. Atua como professora Peb I na prefeitura municipal de Sorocaba. luanarobles@gmail.com • <http://lattes.cnpq.br/1297269074328880>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:



e sua relação com os seres humanos e não humanos, baseada em suas próprias cosmovisões e transmitidas diretamente por eles ao espectador.



"Wazak'a", 2011, acrílica sobre tela, 60 x 60 cm

Figura 1 – Wazak'a, 2011, acrílica sobre tela, 60 X 60

Autor: Jaider Esbell, **fonte da figura** <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Diferentes temas apresentados pela arte contemporânea indígena, como ecologia, território, ancestralidade, espiritualidade, comunidade, ciência, filosofia são necessários e desejados para educação e quando apresentados por meio da arte, abrem caminho para a criatividade, o livre pensamento, para os saberes esquecidos e para a reconexão com a natureza. Esbell chama isso de xamanismo visual, um canal de transmissão de saberes ancestrais.

O artista plástico Denilson Baniwa, ganhador do prêmio PIPA online 2019 e fundador da rádio Yandê, apresenta em sua arte uma composição entre aspectos tradicionais indígenas e elementos da vida moderna, entende a arte contemporânea indígena como uma forma não colonial de comunicação entre indígenas e não-indígenas, considerando a arte como linguagem universal e possibilitando que esses últimos a compreendam:



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Se formos, de cara, falar num código que só indígenas entendem, essa comunicação vai ficar com ruídos muito grandes. O que os artistas indígenas têm feito nesse momento é conversar em código que seja entendível pela maioria das pessoas, indígenas ou não. (Denilson Baniwa, entrevista Arte!Brasileiros, 2020).



Figura 2 – Cunhatain antropofagia musical , 2018, acrílica sobre tecido, 1,60 m x 2,00

Autor: Denilson Baniwa, **Fonte da figura** <https://artebrasileiros.com.br/arte/entrevista/a-arte-nao-se-desliga-da-vida-baniwa/>

A obra de Denilson Baniwa comunica, de diferentes formas, que não há contradição entre a tradição e modernidade e ensina o profundo significado do ser indígena, quebrando o estereótipo do indígena assimilado, que deixaria de ser indígena ao apropriar-se da tecnologia do homem branco.

Daiara Tukano, formada em Artes Visuais pela UNB, entende que as manifestações artísticas indígenas fazem a luta desses povos alcan

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

çarem lugares que as ONGs indígenas e indigenistas não chegam, sensibilizando mais pessoas para a importância de proteger as culturas e territórios indígenas. Na entrevista publicada por Mongabay em 2023, concedida para Marina Della Barba, Daiara fala sobre as armadilhas das quais os indígenas e a arte indígena já foi alvo:

Os indígenas e nossa arte não são uma moda. Porque a “temática de índio” já foi moda no tempo do José de Alencar, dos modernistas, dos tropicalistas. Já passou da hora de se fazer uma reflexão profunda sobre essa temática, porque a arte costuma sofrer com uma abordagem ocidental e europeia. Existe uma lacuna sobre as artes de fora da bacia europeia que, por conta dessas relações colonizadoras e civilizatórias, são tratadas como “menos arte”. (Daiara Tukano, entrevista Mongabay, 2023.)



Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





Figura 3 – Selva mãe do rio menino , 2020, arte urbana, 1006 m2, tintas para fachadas e uso urbano aplicadas sobre empena de edifício , Belo Horizonte/MG.

Autor: Daiara Tukano, **Fonte da figura** <https://artebrasil.com.br/arte/entrevista/a-arte-nao-se-desliga-da-vida-baniwa/>

Seu trabalho criado durante o festival CURA (circuito de arte urbana de BH) “Selva Mãe do Rio Menino” teve grande visibilidade junto ao grande público. Nesta obra, Daiara apresenta a floresta como uma mãe, segurando no colo o menino rio, com elementos das culturas Tukano, Krenak e Xacriabá, nos lembrando a necessidade da floresta em pé para a manutenção dos rios.

Os três artistas aqui destacados têm obras de grande potencial de trabalho na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tanto na disciplina de artes, quanto como material de trabalho para a temática indígena como tema transversal, já que trazem o olhar dos próprios indígenas sobre suas culturas, sobre a relação com o mundo ocidental e com a natureza.

As formas de trabalho possíveis são inúmeras, desde a apreciação livre das obras, apreciação mediada, criação de releituras, pesquisas sobre a cosmovisão do povo dos artistas e suas relações com as obras, descrição oral e escrita das obras, vínculo entre as obras e as disciplinas escolares (por meio da apresentação da biodiversidade, figuras geométricas, descobertas científicas, história etc.) até o desenvolvimento de reflexão crítica e social a respeito das demandas políticas das populações indígenas.

Referências Bibliográficas

ESBELL, Jaider. “O que são 70 anos diante de 521, meu querido?”. Entrevistado por Artur Tavares. Revista Elástica, 3 out. 2021. Disponível em:

<https://elastica.abril.com.br/especiais/jaider-esbell-bienal-mam/>. Acesso em 19 jun. 2026.

BANIWA, Denilson. “A arte não se desliga da vida” Entrevistado por Jamyle Rkain. Revista ARTE!Brasileiros. 31 mar. 2020. Disponível em:

<https://artebrasil.com.br/arte/entrevista/a-arte-nao-se-desliga-da-vida-baniwa/>. Acesso em 19 jun. 2026.

TUKANO, Daiara. Daiara Tukano, artista visual: “A arte indígena não é uma moda”.

Entrevistada por Mariana Della Barba. Revista Mongabay. 27 de fev. 2023. Disponível em:

<https://brasil.mongabay.com/2023/02/daiara-tukano-artista-visual-a-arte-indigena-nao-e-uma-moda/>. Acesso em 20 de jun. de 2026.